



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ANA BEATRIZ GORINI DA VEIGA

(depoimento)

2012

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-262

Entrevistado: Ana Beatriz Gorini da Veiga

Nascimento: 03/06/1976

Local da entrevista: Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre – UFCSPA

Entrevistador/a: José Patrício Cunha Pinheiro

Data da entrevista: 08/02/2012

Transcrição: Letícia Baldasso Moraes

Copidesque e Pesquisa: José Patrício Cunha Pinheiro e Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 33 minutos e 24 segundos

Páginas Digitadas: 10

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso de José Patrício Cunha Pinheiro intitulado *A História da Maratona de Porto Alegre e sua Contribuição para a Popularização das Corridas de Rua na Cidade* desenvolvido na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início de suas atividades esportivas; Participação nas aulas de Educação Física; Motivação para correr; Início da participação como maratonista; Maratonas que participou; Premiação das corridas; Organização da Maratona de Porto Alegre; Corridas de rua; Participação das mulheres em maratonas; Divulgação da Maratona de Porto Alegre.

Porto Alegre, 08 de fevereiro de 2012. Entrevista com a professora Ana Beatriz Gorini da Veiga a cargo do pesquisador José Patrício Cunha Pinheiro para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.P. – Ana! Diga seu nome completo, data de nascimento e profissão.

A.V. – Meu nome é Ana Beatriz Gorini da Veiga, mas a maioria do pessoal me conhece como Aninha. Tenho 35 anos, nasci dia 3 de junho de 1976, completo 36 anos no dia da Maratona de 2012, em Porto Alegre. Eu sou professora na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e atuo na área de Biologia Molecular, mais especificamente com vírus patogênicos humanos e fiz meu doutorado em Biologia Celular e Molecular.

J.P. – Quando começou o teu interesse por praticar esse esporte?

A.V. – Eu nunca gostei de correr. Até 1993, correr para mim era um sacrifício. Mas eu sempre gostei muito de esporte, eu já peguei onda de *bodyboard*, competia campeonatos e tudo mais; sempre gostei de jogar vôlei, sempre gostei das aulas de Educação Física no colégio. Aí eu fiz um intercâmbio em 1992 para os Estados Unidos. Fui morar um ano lá, e foi bem naquela fase dos 16 anos de idade, longe da família. “Peguei” muita neve e comecei a engordar. Eu engordei cerca de 20 quilos, fui para 72, 73 kg. E o jeito de perder peso foi começar a correr. Então, lá nos Estados Unidos eu comecei a correr e, para incentivar essa prática, uma amiga minha alemã nos inscreveu no clube de atletismo do colégio que eles chamam de *Track and Field*. No primeiro dia que eu fui, tínhamos que tirar a neve com pá da pista para correr. Claro, nos Estados Unidos todo mundo é super profissional, desde cedo eles são muito competitivos; tudo que fazem, fazem para valer e eu era um saco de batata tentando correr em ritmo de sete por um¹: corria dois minutos, caminhava cinco. Botava os “bofes para fora”². Foi muito sacrificante para mim, mas com o tempo comecei a gostar e comecei a correr três, quatro, cinco quilômetros. Quando eu vim embora, tinha mais um ano de colégio para fazer: eu estava no terceiro ano. No

¹ Sete minutos por quilômetro. Expressão usada no atletismo para marcar a velocidade com que se percorre a distância de um quilômetro.

² Expressão usada quando se está ofegante ao realizar um esforço físico.

colégio nós tínhamos que escolher um esporte: ou handebol, ou ginástica (na época da aeróbica) ou atletismo. Eu fiquei no atletismo.

J.P. – Antes de entrares no atletismo, tu podes lembrar como era a Educação Física nessa época?

A.V. – No Aplicação³ tinha que escolher um esporte para fazer e nós fazíamos um rodízio muito parecido com o sistema americano. Tu ficavas dois meses jogando handebol, dois meses jogando vôlei, aulas de ginástica e atletismo. Quando era a vez do atletismo, que era correr dez, doze minutos em volta da pista, era muito irritante. Eu realmente não gostava. Já em 1993, quando eu já tinha adquirido um pouco de condicionamento com a corrida, comecei a perder peso. A partir daí eu comecei a gostar, realmente a me apaixonar pela corrida. Então mesmo em dias que não tinham aula de Educação Física, eu corria na Redenção⁴. Eu cresci ali na José Bonifácio⁵, então a Redenção era o quintal de casa.

J.P. – Depois de iniciares essa prática na Redenção, como tu começaste a correr maratonas? Como se deu essa transição? De corridas para perder peso para uma maratona?

A.V. – No colégio sempre tinha a OCA que era a Olimpíada do Colégio Aplicação. Tinha a rústica onde dávamos duas voltas na Redenção, e eu participava. Depois, em 1995, teve uma rústica da Faculdade de Farmácia⁶, acho que foi a primeira prova que eu participei e que era de 7 quilômetros...

J.P. – Tu lembras o ano dessa prova?

A.V. – 1995. Acho que está aqui na pastinha que depois eu vou te dar. Se eu não me engano, foi em 1995 a rústica da Faculdade de Farmácia. Eu fiquei em 2º lugar na categoria de estudantes da UFRGS⁷. Fui super devagar, eram 7 quilômetros, eu estava acostumada a correr meia hora. Eu devia conseguir fazer uns 5 quilômetros em meia hora, era meu ritmo. E comecei a aumentar... Na verdade até recentemente, até 2010 se eu não

³ Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴ Parque Farroupilha conhecido como Redenção.

⁵ Avenida José Bonifácio, passa ao lado do Parque Farroupilha.

⁶ Corrida rústica em comemoração ao centenário da Faculdade de Farmácia da UFRGS.

⁷ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

me engano, eu nunca tinha feito uma prova assim. Eu fiz essa rústica de 7 quilômetros, e depois eu passei a correr rústicas de 10 quilômetros, ou as de 2 quilômetros do colégio – que eram as voltas no parque. E quando comecei a participar das rústicas de 10, nessa época – 1996, 1997 – quase ninguém corria em Porto Alegre. E eu sempre ficava em primeiro lugar na minha categoria. Tinha umas três, quatro pessoas por categoria⁸ (faixa etária). Eu ficava sempre em primeiro. Era fácil ganhar porque não tinha quase ninguém correndo, pelo menos eu achava que era por isso. E eu corria com um pessoal bem legal da Redenção, que se encontrava todo domingo perto do monumento, e a gente sempre ia correndo até a “plaquinha”. Essa “plaquinha” era uma placa onde estava escrito “50 km/h” que tinha na entrada do Parque Gigante⁹, porque adiante havia aquela vila, tinha ali perto uma favela, acho que o nome é Cai-Cai¹⁰. Então não dava para ir adiante, muito menos sozinha. A gente batia a mão na plaquinha, na frente do primeiro quebra mola que tem bem na frente do Parque Gigante, e voltava pro parque. Isso dava uns 10 quilômetros. Raramente eu corria mais que isso.

Em 1997, eu participei de uma meia-maratona, na véspera do meu aniversário, foi bem legal. Não lembro o tempo que eu fiz, eu ainda não corria de relógio. Depois disso eu nunca mais corri mais do que 15 quilômetros, sempre corria até a plaquinha e voltava. Em 1999, uns amigos estavam treinando para a Maratona de Porto Alegre e faltava um mês para a Maratona. Um dia eles iriam atravessar a Ponte do Guaíba¹¹, até o motel que tem lá do outro lado da ponte e depois voltariam. E falaram: “Aninha, vamos junto!” Eu falei: “Vou meia hora e volto. Não vou aguentar correr 28 quilômetros.” Passou meia hora e eu pensei: “Vou mais um pouquinho, vou mais um pouquinho!”. Quando chegou o ponto de fazer a volta falei: “Bah pessoal, vocês estão muito devagar.” E apressei o passo, voltando na frente deles. Esperei eles chegarem, sentada na Redenção. Fiz em torno de 26 quilômetros em um tempo super bom. Eles começaram a falar: “Aninha, tu tens que correr a Maratona, tens que correr!” Eu pensei: “Quer saber? Vou me inscrever.” Cheguei para me inscrever mas ninguém me conhecia e eles falaram: “Não dá para se inscrever. As inscrições encerraram.” Eu falei: “Mas eu nunca corri, nem sei se eu vou terminar, queria

⁸ Nas provas de corridas de Rua os atletas são classificados de acordo com tempo que completaram o percurso estabelecido pela organização do evento nas seguintes categorias: geral e faixa etária (masculino e feminino).

⁹ Área de lazer localizado junto à orla do Rio Guaíba, integrante do complexo do Estádio Beira-Rio pertencente ao Sport Club Internacional.

¹⁰ Vila Cai-Cai, que se situava na beira do Rio Guaíba. Foi removida em 1995.

¹¹ Denominada Ponte Getúlio Vargas, possui 7,7 km e liga Porto Alegre ao sul do Estado

era só participar.” Então eles deixaram e fizeram minha inscrição. Eu acabei correndo a Maratona e fiquei em primeiro na minha categoria. Fiz em 3h26min, e foi bem “à lá loca”. Nunca tinha feito mais do que esse treino que acabei fazendo com meus amigos um mês antes.

J.P. – E desde essa data, quantas Maratonas tu já correste?

A.V. – Essa foi em 1999; em 2000 eu corri de novo a Maratona de Porto Alegre e depois tive uma lesão. Tive uma tendinite. Eu não tinha um treino, não tinha um treinador, não tinha planilha... Eu só fazia as minhas rodagens. Tive uma tendinite, fiquei uns dois, três meses parada e, em 2001, achei melhor não correr. Em 2002 eu ia correr a Maratona de Porto Alegre, mas meu pai me convidou para fazer uma viagem com ele pela Europa e, como eu nunca tinha ido, acabei indo e não pude correr a Maratona de Porto Alegre pois a viagem ia ser exatamente em abril e ia atrapalhar todo o treino. Daí eu pensei: “Já que eu estou fazendo uns ‘longos’¹² para a Maratona, vou ver se não tem uma Maratona por lá.” Longos que eu digo eram 20 quilômetros. Uma semana depois da minha chegada ia ter a Maratona de Paris. Então, em 2002, resolvi me inscrever para a Maratona de Paris. Na Maratona de Paris eu acabei a prova como a primeira sul-americana. Aí foi entrevista para rádio, revista... Eu estava com uma camisetinha escrita “Brasil” e eles viram e quando chegaram para me entrevistar, eu vi a repórter e pensei “Ué?! Como assim?” Eu havia feito em 3h09min! Todo aquele clima de Maratona lá fora ajuda. Um monte de gente torcendo, 28.000 corredores... Eu fiquei na colocação cinquenta e poucos, cinquenta e quatro do feminino. Em 2003 eu corri a Maratona de Porto Alegre de novo; em 2004 eu corri uma nos Estados Unidos, pois eu estava morando lá; depois jurei que nunca mais ia correr uma maratona de novo. Fui bem, fiquei em segundo ou terceiro, premiação em dólares... Mas maratona é para louco. Na época eu era casada, meu ex-marido não apoiava muito a corrida... E em 2009, chegou o pessoal da Petisqueira¹³... Eu estava correndo com um grupinho da Petisqueira que me falaram: “Aninha, tu vais para Rio Grande conosco.” Falei: “Então tá. Vou junto. Vou de *van*, dar o apoio.” E eles falaram: “Não. Tu já estás inscrita, tu estás na nossa equipe.” “Mas eu jurei que nunca mais ia correr maratona.”, disse. “Não é maratona! São 50 quilômetros!” Pior ainda, mas aceitei. Eles tinham um treinador, o Tarso

¹² Treinos de longa distância, básicos na preparação para se correr uma maratona.

¹³ Rede de restaurantes que patrocina uma equipe de corridas de rua com o mesmo nome.

Nunes Dellinghausen, que é primo dos diretores da Petisqueira. O Tarso sabia dos meus tempos de corrida que eu fazia nas rústicas e me falou que eu poderia fazer em 4h20min e me deu umas sugestões antes da prova. No fim eu não segui as sugestões dele e fiz em 4h01min, segurando o ritmo. Ele veio me falar: “Eu quero te treinar, tu tens que treinar! O teu negócio é maratona.” Isso foi em fevereiro de 2009, comecei a treinar para os 50 quilômetros de Rio Grande, um mês antes da corrida. Em maio do mesmo ano, corri a Maratona de Porto Alegre e fiz em 3h08min. Em 2010, resolvi correr de novo e fiz em 3h07min; em julho de 2010, eu já estava treinando com o Tarso, e resolvi que ia correr outra maratona em agosto daquele ano e o Tarso me disse: “Se tu quiseres baixar bem o teu tempo, tu vais pra Buenos Aires. Mas se tu quiseres fazer pódio, eu acho bom tu ires para Punta¹⁴.” Punta ia ser em setembro e Buenos Aires em outubro. Isso (esse papo) foi em agosto. Fiquei um mês treinando e fui para Punta. E realmente fiz pódio. Ganhei a maratona lá, fiz 3h03min. Até então o recorde era da Neli¹⁵ que tinha feito 3h04min. Depois disso veio uma prova atrás da outra. Até que eu tive uma fratura por *stress*. Então, no total deu oito maratonas e uma Supermaratona em Rio Grande. O plano agora é fazer uma maratona em menos de 3 horas, mas em função de estar muito tempo parada no último ano e meio, desde Punta, eu não queria correr esse ano. Vai ser bem no dia do meu aniversário e estou pensando seriamente em comemorar meu aniversário. Só que com o tempo, eu gostaria de fazer entre 3h20min e 3h30min, pensando em como eu estou correndo nos últimos tempos.

J.P. – É melhor correr agora com orientação ou correr simplesmente pelo prazer de correr?

A.V. – Pois é... “Faca de dois gumes”. O treinamento com o Tarso foi fundamental para eu baixar meus tempos. Quem corre sabe, baixar de 3h20 para 3h10 é fácil, para mulher; agora baixar de 3h05min para 3h02min para 2h59min sem treino é muito difícil. Como eu não tenho formação nessa área, a contribuição de um treinador é fundamental para ajudar nisso. Só que os treinos de pista que também são essenciais para baixarmos tempo, trazem muita lesão, a gente está sempre acima do limite, a gente está sempre treinando acima. Porque se não fizermos isso, não evoluímos. Quem só caminha tem que começar a trotar; quem quer começar a correr mais rápido, tem que começar a dar tiro. Só que eu não estou

¹⁴ Punta del Este (Uruguay)

treinando, então, já faz mais de ano que estou sem treino em pista, só correndo na rua, por isso que fazer a maratona agora eu acho que não vai ser tranquilo. A diferença de treinar com treinador ou sem treinador para a maratona é o *the after*: o dia depois da maratona. Essas últimas maratonas que eu fiz com treinador, no outro dia subia escada, descia escada, tranquilo. Agora sem treinador, eu fui correr a TTT¹⁶, corri 22 quilômetros na TTT, eu passei quase uma semana sem caminhar direito. Essa é a diferença.

J.P. – Como que tu entendes que deva ser a premiação? Tu que já subiu ao pódio em maratonas... Tanto das categorias quanto do pessoal de elite? Categorias masculinas e femininas, como tu acha que deva ser a premiação?

A.V. – Bom! Infelizmente, o atletismo ainda é um esporte que não é bem reconhecido se formos comparar com outras modalidades esportivas como o futebol, voleibol, etc... O atleta, principalmente corredor de rua, se for viver disso, vai morrer de fome. Ou vira um superatleta que possa ser de nível olímpico, que ganhe maratonas internacionais, que são raros os casos dos brasileiros – a gente tem o Marilson¹⁷, o Franck¹⁸ e o Vanderlei¹⁹ mas são alguns casos – ou vai morrer de fome porque a premiação não condiz com o esforço do corredor. A gente pode ver que as maratonas que têm uma boa premiação, têm uma elite forte, têm mais gente boa. As que a premiação é baixa, não têm a elite forte, tanto que eu ganhei a Maratona de Punta com 3h03min e a premiação lá era 500, 600 dólares: uma premiação muito baixa. Também, se a gente for pensar, não em maratona, mas nas provas menores, são provas que cobram R\$ 80,00, R\$100,00 de inscrição, o que é um absurdo para uma premiação que não é nada. É um exemplo – não gosto de dar nomes, mas vou dar nome – é a prova Adidas. Antigamente dava tênis, não sei mais o quê; depois começaram a dar um *voucher* que não pagava nem um tênis na loja e agora nem isso. São provas que atraem mais de 4000 corredores, cada corredor paga quase R\$100,00 de inscrição e só premiam os três primeiros colocados no geral – não tem nem por categoria... e dão um troféu e um buquê de flores para cada um. Que premiação é essa? Eu acho que é um

¹⁵ Neli Rosa de Oliveira, maratonista de Porto Alegre. Vencedora da Maratona de Punta del Este (Uruguay) em 2008 e 2009.

¹⁶ Travessia Torres Tramandaí, corrida de revezamento que ocorre anualmente no litoral gaúcho no mês de fevereiro.

¹⁷ Marilson Gomes dos Santos, maratonista brasileiro de nível internacional.

¹⁸ Franck Caldeira, maratonista brasileiro de nível internacional.

¹⁹ Vanderlei Cordeiro de Lima, maratonista brasileiro de nível internacional.

desrespeito ao corredor de elite; não estou falando de corredores participação, acho que cada um está aí para participar do que quiser. Agora o corredor de elite acaba tendo que se submeter a premiações de R\$50,00, R\$100,00 às vezes sem ter o devido reconhecimento.

J.P. – Como tu vê a participação do público? Especialmente o nosso público aqui de Porto Alegre na Maratona?

A.V. – Acho que tem melhorado mas ainda poderia ser mais bem divulgado, no sentido de valorizar a Maratona. Eu vejo muita gente reclamar que o trânsito fica parado. É uma vez no ano, um evento importante, uma maratona internacional que é classificatória para maratonas importantes como a de Boston²⁰. Dentre as sete maratonas oficiais do Brasil, a Maratona de Porto Alegre está incluída. E aí tem gente que reclama que o trânsito fecha, porque tinha que ir numa festa de aniversário não sei aonde... Os veículos de comunicação podiam informar melhor sobre as alterações de trânsito com maior antecedência, poderiam pôr mais propagandas... Eu acho que se tem tanto investimento, teria que ter mais comunicação, mais mídia, estimulando as pessoas a irem torcer. É muito mais legal. A gente, quando participa de outras maratonas fora do país que tu corres 42 quilômetros, vê as pessoas em volta, um monte de gente gritando e torcendo... Aqui as pessoas correm sozinhas, não tem ninguém, fora quando não tem um motorista querendo atropelar que fica buzinando e reclamando.

J.P. – Aqui seria mais um corredor solitário, um herói não é? No dia da Maratona ocorrem essas corridas simultâneas... Antigamente tinha só a rústica e agora tem de revezamento e várias formações de equipes. Como tu vê isso? Ajuda a chamar mais público ou ela atrapalha a Maratona?

A.V. – São as duas coisas. Eu acho que tem um lado positivo disso que aumentou muito o número de participantes. A Maratona virou um evento de mais peso desde que entraram esses revezamentos. Por outro lado, como aconteceu em 2011, deu uma complicação ali no revezamento de oito pessoas, até no de dupla também. Deu um problema com os fiscais, que mandaram dobrar antes ou depois. Eu, por exemplo, fiz a rústica; a rústica foi de 12

²⁰ A Maratona de Boston ocorre desde 1897, entre as cidades de Hopkinton e Boston, no estado de Massachussets, Estados Unidos. Acontece na terceira segunda-feira do mês de abril em comemoração ao Dia do Patriota.

quilômetros e uns quebrados, isso acabou atrapalhando também quem fez a Maratona, porque o trajeto era muito semelhante; a Maratona passava por ali, então, acaba ficando muita gente que está ali, que atrapalha porque o ritmo é outro. É difícil pensar, julgar por que já tem maratonas de revezamento como a da Paquetá... Tem muita prova de 5, 10 quilômetros... Então eu não sei. Eu acho que seria mais interessante manter aquela rústica e a Maratona de Porto Alegre. Aquela rústica de 10 e a maratona de 42. Ou de repente, puxa uma meia-maratona e a maratona. Três modalidades. Agora, revezamento... começa a dar muito problema porque fica um circuito muito pequeno e muita gente querendo participar.

J.P. – Como tu já participaste de maratonas fora do país, faz uma comparação sobre a organização da Maratona em si.

A.V. – A organização da Maratona de Porto Alegre é exemplar. A organização está em um nível internacional. A questão chip²¹, a questão da inscrição, da cronometragem, até mesmo agora, com o apoio da EPTC²²... Teve uma maratona que eu corri que a EPTC não apoiou, então era sinaleira aberta... foi uma bagunça. Acho que agora alcançamos um nível internacional mesmo de organização de prova. Só que essa questão do revezamento acabou atrapalhando. E alterou os percursos. Antes era no Parcão²³, daí não era mais; daí teve um ano que pegou um trecho grande da Avenida Ipiranga, depois veio aqui para a Avenida Beira-Rio, e agora tá lá no Barra²⁴. Essas alterações de percurso atrapalham um pouco, até mesmo corredores que vêm correndo há mais tempo, que gostam de manter o mesmo percurso para conhecer melhor o percurso... Agora o resto, a hidratação foi muito exemplar.

J.P. – Eu acho que essa alteração de percurso foi feita para integrar mais a cidade em eventos?

²¹ Dispositivo eletrônico utilizado nas corridas para facilitar a apuração dos resultados dos corredores.

²² Empresa Pública de Transporte e Circulação, órgão responsável pelo gerenciamento do transporte na Cidade de Porto Alegre.

²³ Parque Moinhos de Ventos, contornado pelas Ruas 24 de Outubro, Mostardeiro, Comendador Caminha, Quintino Bocaiúva e cortado pela Av. Goethe, foi oficialmente criado em 1972, possui 115 mil metros quadrados e localiza-se bairro que leva o mesmo nome em Porto Alegre-RS.

²⁴ Centro comercial Barra Shopping Sul, situado na zona sul de Porto Alegre. Em 2011, a estrutura de largada e chegada da 28ª Maratona de Porto Alegre foi montada no estacionamento do Shopping.

A.V. – Não sei também se não foi problema de trânsito. Essa coisa do pessoal reclamar muito. Eu não sei por que mudaram: se foi questão de organização, ou porque aqui estava em obras...

J.P. – Parece que vários motivos. Um é que era a questão de obras no Conduto Álvaro Chaves²⁵... Na tua opinião, tu achas que o crescimento e melhor organização da Maratona de Porto Alegre contribuem no aumento de todos os tipos de corrida?

A.V. – Só uma coisinha que tu tinhas perguntado antes... Uma coisa que sempre falta aqui da participação pública, é que nas outras maratonas tem sempre... A cada quilômetro, cada milha, tem uma banda tocando, tem algum tipo de entretenimento... E isso para o corredor é muito bom, principalmente a partir do quilometro trinta e poucos... E tu chegar lá no final e ter uma banda de bossa nova, uma banda de jazz, uma banda de musica clássica... no caso do Brasil, pode até ser uma banda de pagode... É uma coisa bacana, uma coisa que dá uma animada...

J.P. – Nem precisava ser pagode, pode ser até uma escola de samba...

A.V. – Outra coisa... Em Paris eles tinham laranjas descascadas, bananas descascadas, passas de uva distribuídas a cada milha. Então isso também seria interessante, ter umas frutas para o corredor passar e já pegar na mão. Às vezes a banana é mais importante no quilômetro trinta e poucos do que na chegada. Na chegada sempre tem, mas no caminho não. De repente uma coisa assim, um pouco diferente. Agora, como tu me perguntaste: “Como essa Maratona contribuiu para o “boom” corrida?”. O “boom” da corrida não foi algo que aconteceu só aqui no país; se formos comparar o Brasil com outros países, ainda não estamos no “boom” da corrida. Pega São Paulo, por exemplo: todo fim de semana tem quatro, cinco, seis provas. Aqui em Porto Alegre aumentou o número de provas, não tem um mês sem provas, às vezes, tem dias que tem duas, três provas paralelas. Mas nem se compara como é lá fora. E outra: lá fora qualquer corridinha – pode ser uma meia-maratona – tem 2.000 pessoas participando. Eu participei de uma meia maratona em Washington, no dia 11 de Setembro de 2011, que era uma corrida pequena que mal e mal estava no calendário e tinham 2.500 pessoas. A primeira mulher fez 1h16min, as outras

²⁵ Obra de drenagem urbana, construído para controlar alagamentos de nove bairros de Porto Alegre.

três fizeram 1h19min!! Meia-maratona!! Aqui, nem ali “mais para cima” (São Paulo, Rio de Janeiro) acontece. Em Porto Alegre qual é a mulher que faz em 1h20min? Nenhuma. A premiação, até tinha dinheiro, mas era coisa de 500, 400 dólares, para ver como a questão da premiação contribui para isso, e era uma prova pequena. Eu fiquei em 21ª e era sobe e desce, dentro de um parque, muitas lombas. E na minha categoria acho que eu fiquei em quarto lugar. Uma colocação bem ruim, se eu for comparar com as minhas outras colocações. Uma menina que chegou à minha frente falou: “Estou treinando porque quero fazer minha primeira maratona, essa é minha terceira meia, mas eu fui mal, fiz 1h27min.” Poxa! [risos] Só para contar que aumentou a corrida na cidade com certeza. Acho que a organização daqui tem contribuído para isso, acho que organizar corrida não é uma coisa fácil. Para a gente correr, várias organizações secundárias surgiram e não deram certo. Começaram a criticar a organização que o Paulo Silva²⁶ vem fazendo – não sei de onde que tiraram isso (essas críticas). Outros inventaram de organizar prova, um monte de gente começou a se inscrever (só no segundo, resposta a uma batida na porta), e cancelaram a prova em cima da hora, tendo que devolver o dinheiro para as participantes. E isso mostra que não é fácil organizar uma corrida.

J.P. – E sobre a participação de mulheres? Especificamente em maratonas? Elas têm participado mais?

A.V. – Na verdade sim, mas a participação das gaúchas, das porto-alegrenses está muito baixa, está muito baixa. Só para te dar um exemplo: em 2010, que foi a última Maratona de Porto Alegre que eu corri, eu fui a primeira gaúcha a terminar a prova; eu fui a 2ª da categoria, eu acho. Fiquei em 8ª do geral e fui a primeira gaúcha a terminar a prova, por que a Rosa Jussara Barbosa²⁷ que estava “encabeçando” a prova parou no quilometro 25, a Liliane Pereira D’Elia parou, a Neli Rosa de Oliveira e a Elenir Stropper²⁸ fizeram o revezamento em dupla (fizeram 21 quilômetros cada). Eu fiz em 3h07min, então eu acho que realmente está muito baixa a participação das mulheres, principalmente de elite, mas em compensação, tem vindo uma elite forte de fora. A Michele Cristina das Chagas ganhou a de 2010, uma menina bem novinha; foi a primeira maratona dela, ela foi super

²⁶ Presidente do Clube de Corredores de Porto Alegre (CORPA), instituição que organiza a Maratona de Porto Alegre.

²⁷ Maratonista gaúcha vencedora de quatro Maratonas de Porto Alegre.

²⁸ Liliane Pereira D’Elia, Neli Rosa de Oliveira, Elenir Stropper, maratonistas de Porto Alegre.

bem e quase bateu o recorde. Eu acho que veio mais mulheres do que o esperado, mas poderia ter mais mulheres aqui de Porto Alegre participando.

J.P – Para finalizar... Eu gostaria que tu apontasses alguns fatores que poderiam fazer com que a Maratona crescesse em número de participantes, tanto de elite como amadores e também melhorasse essas questões de organização, como tu citaste o entretenimento durante a prova.

A.V. – Outra coisa que chama a atenção são as feiras pré-maratona. Eu estava em Marrakesh, fui embora no dia da maratona. Mas aí na véspera eu tive a oportunidade de ver a feira da maratona. Um país mais pobre e tal, mas uma mega de uma feira. Todo lugar tem sempre uma feira grande, vendendo artigos da maratona, roupa de corrida, produtos relacionados ou não à maratona da cidade. Aqui em Porto Alegre a gente não vê isso. Na Maratona do Rio a gente não vê isso. Vender canequinha da maratona, que façam coisas para chamar mais a atenção... A premiação também chamaria mais participantes; a divulgação que eu tinha falado lá no início. A imprensa, a televisão poderiam divulgar mais. Fazer mais propaganda na TV, propaganda em rede nacional, tentar divulgar internacionalmente a maratona. Oferecer pacotes de passeio para os corredores antes e depois da prova. Uma viagem de barco pelo Guaíba, sei lá, inclusa na inscrição, faz uma parceria com o Cisne Branco²⁹... Estou só falando algumas idéias, não sei. Uma visita ao Farol de Itapuã³⁰ para o corredor da prova..

J.P. – Eu agradeço muito e até fiquei emocionado porque tuas respostas foram bem claras. Fico bem agradecido pela tua colaboração.

A.V. – Bom poder contribuir e fico feliz que alguém esteja trabalhando sobre isso. Acho extremamente importante e eu vou querer ler teu trabalho depois para saber melhor a história da Maratona para não falar de repente algo errado depois.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

²⁹ Barco que realiza passeios turísticos, entretenimento e lazer no Rio Guaíba.

³⁰ Farol localizado no Parque estadual de Itapuã, Porto Alegre.